



Realização:



Apoio:



XVII CIC
X ENPOS

Conhecimento sem fronteiras
XVII Congresso de Iniciação Científica
X Encontro de Pós-Graduação
11, 12, 13 e 14 de novembro de 2008

A VISÃO DA MORTE POR UM PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM

Autor(es): ECHEVENGUÁ, Rita Amélia de Oliveira; BONATTO, Elediane; CUNHA, Juliane Jacob; LIMA, Luciana Rodrigues dos Santos; SILVEIRA, Cândida Garcia Sinott

Apresentador: Rita Amélia de Oliveira Echevengué

Orientador: Lenice Muniz Quadros

Revisor 1: Cláudia Medeiros Centeno Gallo

Revisor 2: Samanta Bastos Maagh

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Resumo:

A vida é o primeiro bem a que todos os seres humanos têm direito. “Todos temos direito a nascer, crescer, envelhecer e morrer” (Beyers et.al,1995), e falar da morte geralmente não é fácil uma vez que é vista como um fato despersonalizado e desagradável. Pensando na morte em seu aspecto biológico e racional como acontecimento cotidiano de um ciclo vital onde a espécie é perpetuada, questionamos os mecanismos de defesa muitas vezes criados pelos profissionais de enfermagem que a vivenciam constantemente. Para muitos esses mecanismos tornam-se essenciais e naturais, onde o contexto do local e do momento em que ela ocorre não interferem em suas atividades diárias. Sabemos, entretanto que mesmo tendo em seus ideais o compromisso com a vida, a morte não abala as estruturas psíquicas desses profissionais que mantêm a responsabilidade de assistir ao cliente contemplando-o holisticamente em todo o seu ciclo vital. O profissional de enfermagem é gente que cuida de gente, e como todo ser humano tem suas limitações e sentimentos. Quando pensamos sobre essa temática, refletimos que a visão naturalizada da morte é a primeira implicação no intuito de afastar sentimentos e receios, isolando-os. São minimizadas suas próprias tensões, assegurando que suas próprias expectativas não prejudiquem o paciente que está sendo atendido. Tendo esta questão bem definida, é possível chegar ao doente, configurar diagnósticos, planejar sistematicamente a assistência e a partir daí, implementá-la, avaliá-la e modificá-la quando houver necessidade. Entretanto, é pertinente afirmar que por mais avançadas as pesquisas e tecnologias no campo da saúde, essas não foram capazes de afastar a angústia humana diante da morte. Mecanismos podem ser até criados, mas os sentimentos natos do ser humano não podem ser subtraídos em sua totalidade. Apesar da ciência não poder curar o homem da morte e preservá-lo da ansiedade que ela suscita podemos determinar que o embrutecimento de profissionais que lidam diariamente com esse fato não é uma constante e que muitos permanecem com a visão do cuidado maduro em defesa da ética. Na possibilidade de resgate de valores do ser humano, naquilo que lhe é próprio, emergem questões a respeito da humanização e da lapidação da sensibilidade da enfermagem em todas as suas esferas, não permitindo que se perca a essência do afeto pelo próximo e que o cotidiano de dor, sofrimento e finitude não os transformem em meros tarefeiros.